

OS OLHOS COMO OBJETO DE DESEJO ERÓTICO NA LÍRICA DE LUÍS VAZ DE CAMÕES

Ricardo Borges Carvalho
Orientador: Luís Claudio de Sant'Anna Maffei
Mestrando

RESUMO

Os olhos, na lírica de Luís Vaz de Camões, parte do corpo e do *corpus*, como objeto de desejo erótico e amoroso do sujeito lírico, são tema ou apresentam-se como objeto destes desejos em diversos momentos. Ao pesquisar sobre o fetichismo na lírica e na épica camoniana, faz-se necessário distinguir-se a manifestação de fetichismo da natural fragmentação do objeto amoroso por parte do amador. No fetichismo de maior intensidade, existe a fixação em um tipo específico de objeto e nele, somente, o fetichista obtém satisfação amorosa para seu desejo. Três poemas do vate são aqui brevemente apresentados com o objetivo de demonstrar as sutis diferenças entre fetichismo e fragmentação do objeto amoroso: "Eles verdes são"; "Aquela cativa e o soneto" "Dizei, Senhora, da beleza ideia"

PALAVRAS-CHAVE: Camões, fetichismo, erotismo, amor, desejo.

*Eis que surge Corina, resguardada e envolta na sua túnica,
os cabelos caídos de ambos os lados do colo resplandecente;
assim formosa entrava Semíramis no quarto,
diz-se, e Lais, amada por tantos homens.
(Ovídio, 2006, p.40)*

Apresenta-se aqui parte do Projeto de Dissertação de Mestrado Para além da coifa de beirame: fetichismo no épico e na a lírica camoniana. Este projeto teve origem ainda na graduação em Letras, nas aulas de Literatura Portuguesa II, do professor Dr. Luis Maffei, hoje meu orientador, na Universidade Federal Fluminense, com um trabalho sobre o soneto camoniano intitulado “Lindo e sutil trançado, que ficaste”, estudo posteriormente aprofundado e apresentado, em 2013, no colóquio Um dia de Camões 2, na comunicação “Lindo e sutil trançado, que ficaste: fetichismo em um soneto de Camões”.

O estudo segue, apresenta-se em Um dia de Camões 3, em 2014, já como projeto de Mestrado em andamento, com alguns resultados já observados; contendo, do *Corpus*, todos os poemas sobre os quais se pudesse, de alguma forma, ter os versos enquadrados como manifestação ou descrição de fetichismo, em qualquer grau; dilemas a ser resolvidos; esboço da Defesa de projeto de dissertação, defendida em março deste ano.

O projeto foi apresentado, no mesmo ano, de 2014, no Real Gabinete Português de Leitura: “O fetichismo em 'Lindo e sutil trançado, que ficaste’”; “O áureo crino, a linda corda dos cabelos, a coifa de beirame, o trançado: fetichismo na lírica de Camões” foi apresentado na edição passada deste evento, no V SAPPIL.

Este ano, parte do projeto foi igualmente apresentada na quarta edição do evento Um dia de Camões, com a apresentação: “Algumas considerações sobre a cantiga 'Querendo escrever um dia’” cujo tema foi o Pigmalionismo, amor por estátuas e, no IX Seminário do NEPA - UFF com a apresentação “A nostalgia da continuidade, o suicídio orgástico e as transformações, centrífugas e centrípetas: Três poemas de Luís de Camões”, que deu a conhecer desdobramentos futuros desta pesquisa, em outras searas do erotismo ligadas à perversão como sadismo, masoquismo, dominação submissão, em todos os casos, no contexto de relação erótico amorosa.

A identificação, por Hélder Macedo de uma irônica percepção desmistificadora do fetichismo, em um vilancete de Camões, “Coifa de beirame” (MACEDO, 2013, p. 19), marca o ponto do qual se parte para averiguar, na lírica e na épica camoniana, a

existência de outros episódios, descrições e definições de fetichismo, com o fim de testar a hipótese de que haja outros versos sobre o tema neste *corpus*.

Desde então o *corpus* foi expandido, passando a abranger *Os Lusíadas*, com a aceitação pela banca desta proposta, baseada mormente em dois episódios: o do Cendal de Vênus (Lus. II, 36 e 37) como objeto fetiche, e o do Adamastor (Lus. V, 59 - 1) que percorre caminho inverso ao pigmalionismo, também espécie de ereção, quando diz: “Converte-se-me a carne em terra dura;”.

As cartas e as peças teatrais estão fora da pesquisa, neste momento, mas cogitadas pelo mestrando como possibilidade factível dentro do espaço-tempo desta pesquisa de Mestrado, mormente no que tange às peças teatrais, posto serem as cartas paratexto e o trabalho camoniano como dramaturgo, estando Camões entre os autores conhecidos com maior número de obras dramáticas cujos textos sobreviveram até os dias de hoje (MUNIZ, 2014, p.11).

O fetichismo de que trata este projeto é o psicológico, intrinsecamente ligado ao erotismo, como manifestação deste, na qual exista a substituição ou representação da coisa amada por um objeto inanimado, uma parte do corpo, uma característica ou algo que remeta ao sujeito amado ou até mesmo o substitua. Manifestação do erotismo, da sexualidade e do amor naquele que tem a pulsão, geralmente escópica, pelo fetiche, corresponde ao tal “veer” das cantigas Galego-Portuguesas.

Quando apresenta suas ideias sobre “O TOCAR E O OLHAR”, “ver”, segundo Freud, “em última análise deriva do tocar. A impressão visual continua a ser o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa...” (FREUD, 2006, p.148).

A alimentar esta pesquisa, por toda a lírica camoniana, pululam referências a partes do corpo. Este artigo trata de referências feitas aos olhos, como em: olhos belos (CAMÕES, 2005, p.6. “Nos seus olhos belos”); olhos verdes (CAMÕES, 2005, p.12. “Dotou em vós Natureza”); olhos verdes (CAMÕES, 2005, p.13. “Ninguém vos pode tirar”); olhos que matam de amores (CAMÕES, 2005, p.16. “Entre estes penedos”); olhos verdes, olhos tão belos (CAMÕES, 2005, p.17. Eles verdes são); olhos d’Helena (CAMÕES, 2005, p.19. A verdura amena); olhos pretos, sossegados (CAMÕES, 2005, p.89. Aquela cativa); vossos olhos (CAMÕES, 2005, p.121. Quem pode livre ser, gentil Senhora); raios desses olhos, olhos que são tão belos, lindos. Olhos rutilando chamas vivas (CAMÕES, 2005, p.216. Manda-me amor que cante

docemente); mover d'olhos (CAMÕES. 2005, p.161. Um mover d'olhos brando e piadoso), dentre outras.

Em "Aquela cativa", a situação do senhor, sujeito lírico, em relação à escrava, em contraste com a situação desse sujeito submetido à Senhora dominadora, além das características eróticas, indica uma posição política de Camões, posto que coloca, naqueles tempos, uma mulher, negra e escrava em situação de dominação em relação ao homem, branco, seu dono, submisso e cativo, além de colocá-la, em diversas partes do poema, acima das mulheres loiras e brancas .

O sujeito lírico apresenta, logo nos quatro versos iniciais da primeira estrofe,

Aquela cativa,
que me tem cativo
porque nela vivo
já não quer que viva,

metáfora de conjunção sexual que apresenta espécie de abraço erótico. Aquela cativa, mantida presa pelo sujeito lírico, tem este homem preso "nela", dentro, "vivo" e viril. E deseja o orgasmo/morte, pois "já não quer que viva". Ela, com esse soberano querer, decide o gozo/morte do parceiro.

Essa espécie de abraço manifesta tentativa de continuidade, no sentido atribuído por Bataille:

(...) Parece ao amante que só o ser amado - isso se deve a correspondências difíceis de definir, que acrescentam à possibilidade de união sensual a de uma união dos corações - pode, neste mundo, realizar o que nossos limites interdizem, a plena confusão de dois seres, a continuidade de dois seres descontínuos. A paixão nos engaja assim no sofrimento, já que ela é, no fundo, a busca de um impossível e, superficialmente, sempre a de um acordo que depende de condições aleatórias. Entretanto, ela promete ao sofrimento fundamental uma saída. Sofremos de nosso isolamento na individualidade descontínua. A paixão nos repete incessantemente: se possuíres o ser amado, esse coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o do ser amado. Ao menos em parte, essa promessa é ilusória. Mas, a paixão, a imagem dessa fusão toma corpo, às vezes de modo diferente para cada um dos amantes, com uma louca intensidade. (BATAILLE, 2013. p. 43-44)

A Senhora, possuidora do título político-amoroso, de "Pretidão de Amor" torna-se, ao final do poema, "esta cativa", índice de movimentação, no sentido de aproximação, união.

Além disso, ressalta-se a situação do senhor em relação à escrava em contraste com a situação do sujeito lírico submetido à senhora dominadora. Por amor, "servindo a quem vence", como dito pelo Vate em "Amor é um fogo que arde sem se ver".

“O uso sexual de mulheres nativas – e não menos de escravas – foi desde sempre um dos espólios de todos os impérios, e Camões, soldado imperial de manifesta libido,

certamente teria usado e abusado do privilégio” (MACEDO apud MAFFEI, inédito p. 10) e Maffei, após fazer a citação acima, apresenta o poema, “Aquela cativa”, e diz:

(...) Que faz Camões com essa bagagem, que efetivamente traz consigo? Não perco de vista que, no equipamento, há verdades, como a brancura da beleza e a inexistência de alma em negros. E o que ele faz? Permite que a realidade modifique suas verdades, pois o real da realidade que o encantamento por uma negra ensina é, por exemplo, que a beleza não precisa ser assim tão branca. Enxergar esse real é prerrogativa de um olho que reinvente a realidade, pois nenhuma realidade possui, especialmente para o interesse do poético, verdades indiscutíveis, assim como o discurso poético não se curva à linguagem apoética, como disse Stierle. (MAFFEI, inédito, p. 10)

Em “Dizei, Senhora, da Beleza ideia”, parte da tal “bagagem de verdades contidas no 'equipamento camoniano” de que fala Maffei é apresentada: a tal Senhora é loira, por possuir “áureo crino”; com olhos claros, posto que apresentam “luz Febeia”; doce riso que mostra dentes comparados pelo vate às “perlas preciosas orientais”, terminando enfim por aconselhá-la: “não vos vejais, fugi das fontes: lembre-vos Narciso”, alertando-a dos perigos que tal beleza traz consigo.

Tanto aqui quanto em “Aquela cativa” descrita como possuindo “rosto singular”, “olhos sossegados”, “Pretos os cabelos” o que ocorre, de fato, é mera fragmentação do sujeito amoroso, não constituindo fetichismo por tal variedade de objetos a constituir este todo. Aqui, diferentemente do que o próprio sujeito lírico camoniano afirma na última estrofe de “Lindo e sutil trançado, que ficaste”: “dir-lh'-ei que, nesta regra dos amores, pelo todo também se toma a parte”. O “deslocamento metonímico” lacaniano apresentado por este quando aborda o fetichismo e, “Apud Camões”, o compara a uma metonímia, posto que o fetichista alça a condição de objeto parte de um todo, ou algo que o represente etc, como dito acima.

Em “Eles verdes são” a Senhora, posto que não é sequer mencionada, é substituída por uma de suas partes, neste poema, ou melhor dizendo pela característica de uma de suas partes, que além de ser tratada como um todo, adquire uma certa propriedade, dada pelo sujeito lírico, de que, não havendo contato: o olhar e vê-lo, estes olhos deixem de ser verdes.

O fato da ausência da Senhora no soneto é índice de fetichismo, pois a substituição, no texto, é completa: não existe Senhora, nem olhos, mas sim o verde. Esta condição, o verde dos olhos, é contestada na primeira estrofe do soneto pelo fato de não dar esperanças.

Na segunda estrofe o sujeito lírico declara estar de gíolhos, ou seja, de joelhos e pergunta-se porque não é visto.

Na estrofe seguinte, o sujeito lírico diz da beleza dos olhos que por não vê-lo, não notá-lo, não merecem crédito da cor, por não oferecer esperança.

O objeto amoroso, os olhos, na última estrofe, já têm como “condição” serem verdes, quando afirma que “Verdes não o são”.

“Verdes” e “vedes” é o que interessa ao sujeito lírico. Não adianta serem verdes se não o veem nem vê-lo sem verdes serem.

Curiosamente, em parte da pesquisa iniciada há muito pouco tempo, no cânone das Cantigas (delimitação do *corpus* para esta parte do projeto compreende a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses disponibilizadas recentemente, em meio digital, pela Universidade Nova de Lisboa) ao menos no que tange aos olhos, tema desta apresentação, a ocorrência é, pelo menos até agora, mínima. A grande maioria das vezes em que a palavra “olhos” é citada nas cantigas, refere-se aos olhos do próprio sujeito lírico.

Assim, o que apresento como breve e prévia conclusão é de que o *corpus* em si não apresenta características fetichistas, posto que, como os dois primeiros poemas apresentados não se fixam em uma parte, mas sim fragmenta o objeto amoroso. O fetichismo existe e é apresentado em diversos poemas, mas isoladamente, não em conjunto, os objetos são diversos: o Trançado, a Coifa de beirame, Os olhos verdes, O pigmalionismo. O que leva a concluir que o fetichismo apresentado seja fruto de arguta e atenta observação, sem preconceitos, da sexualidade humana em seus diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Ed. Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, s/d.

_____. *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 2005.

_____. *Teatro de Camões*. Edição Márcio Muniz. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. 1906. ESB Vol.VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: [<http://cantigas.fcsh.unl.pt>]. Acesso em: 19 set. 2015.

MACEDO, Hélder. *Camões e a viagem iniciática*. Rio de Janeiro: Móbile, 2013.

MAFFEI, Luis. *Camões e o real*. Niterói: inédito, p.10.

OVIDIO. *Amores*. Trad. introd. e notas Carlos Ascenso André. Lisboa: Livros Cotovia, 2006.